

A CONSTRUÇÃO DE UMA “MEMÓRIA ESCRITA” SOBRE O URBANO: A FORTALEZA NOS ESCRITOS DOS PRESIDENTES DO ESTADO (1925 – 1930)

Francisco Adilson Lopes da Silva¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a construção de uma “memória escrita” sobre o urbano em Fortaleza a partir dos relatórios de José Moreira da Rocha e de José Carlos de Matos Peixoto. Metodologicamente procedemos com a análise da documentação apresentada na Assembleia Legislativa do Ceará pelos presidentes, juntamente com um balanço historiográfico sobre cidade. Apesar das problemáticas que cercam a “memória histórica”, ela é tida como uma maneira de preservar informações, com isso buscamos entender qual a Fortaleza que esses indivíduos estavam pintando, tendo em vista, que a escrita possui um “lugar social” e produz uma “memória”, no nosso caso, uma memória sobre o urbano. Portanto, a reflexão percorre tal discussão, pois a Fortaleza apresentada nas fontes passou pelas concepções de “progresso” dos presidentes do estado e de como eles queriam que ela fosse lembrada no período de suas administrações.

Palavras-chave: cidade; progresso; memória histórica.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de analizar la construcción de una “memoria escrita” sobre el urbano en Fortaleza a partir de los informes de José Moreira da Rocha y de José Carlos de Matos Peixoto. Metodologicamente procedemos con el análisis de la documentación presentada en la Asamblea Legislativa Del Ceará por los presidentes, junta con un balance historiográfico sobre ciudad. A pesar de las problemáticas que rodeiam la “memoria histórica”, Ella es una manera de preservar informaciones, con eso buscamos entender cuál Fortaleza que esos individuos estaban pintando, pues la escritura tiene un “lugar social” y produce una “memoria”, en el nuestro caso, una memoria sobre el urbano. Por lo tanto, la

¹ Mestrando em História pelo Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas (GPPUR). E-mail: asilvalopes@hotmail.com

reflexión pasa por esa discusión, pues a Fortaleza presentada en las fuentes pasó por las concepciones de “progreso” de los presidentes del estado y de como ellos querían que ella fuese recordada en lo período de sus administraciones.

Palabras clave: ciudad; progreso; memoria histórica.

Introdução

Esta pesquisa tem por objeto de estudo a cidade de Fortaleza no início do século XX, especificamente entre os anos de 1925 a 1930. Escolhemos Fortaleza por ter sido a cidade que mais foi projetada no período, como o espaço irradiador de mudanças sócio-culturais pelos presidentes do Ceará do período.

A cidade enquanto espaço de análise, torna-se um cenário propício para o estudo de uma “memória escrita” construída nas mensagens² dos presidentes do estado sobre o desenvolvimento urbano da mesma. De acordo com Jacques Le Goff (1990) as diferentes formas de conceber a memória³ destacam os aspectos de estruturação, ou seja, nas atividades de auto-organização. Tendo em vista que:

‘A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas’ (LE GOFF, 1990:426)

Quanto ao nosso recorte temporal, recortamos a partir de 1925, por ser o ano que José Moreira da Rocha assumiu a administração do Ceará. A pesquisa vai até 1930, por ser o ano marco de mudanças políticas nacionais, que acarretaram na deposição de José Carlos de Matos Peixoto que deveria governar até 1932 o Estado.⁴

Sendo assim, dividimos estrategicamente o trabalho em dois momentos, acreditamos que metodologicamente a divisão e organização do trabalho possam facilitar a compreensão do texto. O primeiro momento, “Cidade: espaço de irradiação do urbano”,

² As mensagens são relatórios anuais apresentados na Assembleia Legislativa pelos presidentes do estado. Nelas foram traçadas informações gerais de todo o Ceará, no que diz respeito a economia, a educação, a saúde, questões sociais e culturais, etc.

³ Ver LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas – SP, Ed. da UNICAMP, 1990.

⁴ Para mais informações sobre José Moreira da Rocha e José Carlos de Matos Peixoto – ver SILVA, F. A. L. *Fortaleza em metamorfose: a construção de um ordenamento urbano e de uma estrutura vigilante (1925 – 1930)*. 2013. Monografia – Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

trazemos uma discussão geral que coloca a cidade como o espaço de modificações promovidas pelo processo industrial do final do século XIX e início do XX. Já no segundo momento, “Indícios da construção de uma “memória urbana” sobre Fortaleza”, analisamos elementos estabelecidos na cidade que foram destacados como marcas do urbano pelos presidentes do Ceará, atribuições atreladas a uma visão de civilização da época.

Portanto, não fazemos um debate do urbanismo enquanto ciência da cidade, tendo em vista que o objetivo foi mostrar a partir da documentação, como os presidentes buscaram construir a “memória” de Fortaleza enquanto “urbana” por meio das transformações do seu espaço físico nessa época.

Cidade: espaço de irradiação do urbano

Não nos restringindo ao exemplo de Fortaleza, a cidade, em uma compreensão abrangente, sempre apareceu em diferentes tipos de textos. Aqui nos referimos não apenas aos escritos legados pelos indivíduos que vivenciaram períodos anteriores, mas também aos textos resultantes de estudos dos pesquisadores da cidade. Esses relatos possibilitam ver a cidade enquanto mudança,

Mas também algo relacionado à permanência das formas do traçado urbano e das edificações, ou mesmo da sua rápida transformação, fazem da materialidade dos núcleos urbanos um suporte da memória, recorte preciso com contornos apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam ou nelas moram (BRESCIANNI, 2003:238).

As transformações físicas marcam o crescimento das cidades, trazendo um processo capitalista que se desenvolvia bordando uma imagem positiva baseada na concepção de progresso que certos indivíduos tinham.

Eric Hobsbawm (2014), ao tratar do desenvolvimento da economia mundial, apontou como uma das características que se destaca a revolução tecnológica que aconteceu entre o século XIX e o XX. O autor expôs elementos que retrataram a visão de progresso na cidade, pois:

Como todos nós sabemos, foi nessa época que o telefone e o telégrafo sem fio, o fonógrafo e o cinema, o automóvel e o avião passaram a fazer parte do cenário da vida moderna, sem falar na familiarização das pessoas com a ciência por meio de produtos como o aspirador de pó (1908) e o único medicamento universal jamais inventado, a aspirina (1899) (HOBBSAWM, 2014:86)

Segundo o autor antes de “saudarmos essa safra impressionante de inovações como uma ‘segunda revolução industrial’, não devemos esquecer que só retrospectivamente elas são consideradas como tal”, contudo para a época que tratamos “a principal inovação consistia na atualização da primeira revolução industrial, através do aperfeiçoamento da tecnologia do vapor e do ferro: o aço e as turbinas”, destacando também as “indústrias tecnologicamente revolucionárias, baseadas na eletricidade, na química e no motor de combustão” que “começaram certamente a ter um papel de destaque, em particular nas novas economias dinâmicas” (Ibidem.).

Entretanto, queremos realçar nesse contexto o crescimento das construções, da população, dos domínios territoriais da cidade, vistos no surgimento de novas ruas, novos bairros, novas praças ou reformas das antigas para embelezamento do espaço urbano estabelecendo “ruas de traçado regular, amplas, arborizadas e iluminadas, mansões cercadas de jardins, a natureza domesticada e reelaborada para o prazer do homem” (BRESCIANNI, 2003:239).

Com isso, temos na cidade mudanças distintas que mostram o urbano como uma configuração que está sempre em mutação e são essas mudanças, ora rápidas ora lentas, que dão a cidade uma percepção de movimento, tido por alguns indivíduos enquanto “progresso” e por outros como algo negativo.

Assim, “o progresso técnico passara a ser um elemento do mundo econômico aceito como normal, e não como algo excepcional e intermitente”, digamos que não é um elemento só desse viés, mas, mesmo assim, por exemplo, “com a chegada da força a vapor, foram abolidos os limites anteriores à complexidade e tamanho da maquinaria e à magnitude das operações que esta podia executar” (DOBB, 1986:192).

A cidade passou a ser o palco principal das invenções ligadas à imagem de progresso, porém possuía ligações com outros fatores, que podemos simplificá-los, grosso modo, enquanto aspectos culturais, sociais e econômicos.

Entre esses fatores, Dobb (1986) atribuiu importância à inovação da técnica, ou seja, sua renovação, pois esse aspecto se desenvolvia rapidamente:

Criando não só toda uma nova raça de mecanismos jamais vistos antes, mas toda uma indústria nova, ou conjunto de indústrias, de fabricação de máquinas para gerar aquelas novas criaturas mecânicas e servi-las. Reforçando isso, havia a situação excepcional do comércio exportador da Inglaterra na época, e também os efeitos sobre a demanda de uma população –crescentemente urbanizada – que se multiplicava numa velocidade sem precedente (DOBB, 1986:209).

Em detrimento da urbanização, a cidade passou por construções e reformas frequentes, caracterizando e apresentando a cidade como “próspera”, como fizera alguns indivíduos como os industriais, os comerciantes, os bancários, os políticos, etc. Temos, por exemplo, Londres e Paris que passaram por um processo de urbanização.

Apesar de a urbanização ter se dado em cidades europeias, o processo de urbanização não ficou restrito a elas. O Brasil também estava inserido nesse processo histórico, pois como evidenciou Maurice Dobb em “A Evolução do Capitalismo” ao abordar os empréstimos que a Inglaterra concedeu a outras nações, ele mostrou que “a corrente principal de capital britânico dirigiu-se para o Canadá e a Argentina, mais uma vez para os Estados Unidos e também para o Brasil, Chile e México” (DOBB, 1986:224).

Em muitas nações, inclusive no Brasil, o capital foi usado na construção de “ferrovias, cais, utilidades públicas, telégrafos e carris urbanos, mineração, plantações, companhias de crédito fundiário mediante hipoteca, bancas, companhias de seguros e de comércio foram os objetos favoritos dessa aceleração de investimentos” (DOBB, 1986:224/225).

Esses foram alguns elementos ligados à visão de progresso da cidade, que permitiram com que o lado econômico crescesse e causasse reflexo no aumento das atividades no mundo urbano modificando-o. Para Brescianni, em estudo sobre São Paulo:

A familiaridade com os sinais do ‘progresso’, assinalados por tantos outros autores, que, nesses anos iniciais do século, registram lado a lado o aumento de atividades na área central da cidade como resultado da instalação de cafés, confeitarias, bares e cervejarias, de hotéis luxuosos e confortáveis, quiosques e inúmeras lojas com suas vitrines bem arrumadas, a instalação de indústrias e ferrovias (BRESCIANNI, 2003:239).

Daí, temos um cenário urbano em modificação pelo “progresso” de seus setores de serviços e bens. Situação promovida pelo processo capitalista na sociedade que apesar de ter trazido um avanço da urbanização, ainda assim não permite a medição desse impacto, pois:

Era, em primeiro lugar, um mundo que não consistia apenas de fábricas, empregadores e proletários, ou que tivesse sido transformado pelo enorme progresso de seu setor industrial. Por mais espantosas que fossem, as mudanças trazidas pelo avanço da indústria e da urbanização em si mesmas não são adequadas para medir o impacto do capitalismo (HOBSBAWM, 2012:318).

Sendo assim, a cidade foi o símbolo que representou o movimento do mundo moderno, ela era um organismo vivo, constituída por várias relações visíveis ou não, das

quais a urbanização foi apenas mais um ponto que se mostrou visivelmente aos indivíduos que presenciaram o crescimento populacional que vinha, desde a segunda metade do século XIX, aumentando nos centros urbanos.

Por exemplo: “Viena cresceu de mais de 400.000 em 1846 para 700.000 em 1880, Berlim de 378.000 (1849) para quase 1 milhão (1875), Paris de 1 para 1,9 milhão e Londres de 2,5 para 3,9 milhões (1851 – 1881)” (HOBSBAWM, 2012:321). Embora saibamos que isso não se aplica a todos os centros urbanos pelo mundo, no caso de Fortaleza só no final da década de vinte do século XX ela teve aproximadamente 100.000 habitantes, porém a imagem e a estrutura cidadina estavam mudando através das construções planejadas ou não, como também por um desejo de obter lucro.

Para os sujeitos que planejavam a estrutura da cidade, os pobres, os vadios, os miseráveis, os pedintes, os vagabundos, os operários, ou como Laura de Mello chama, os “desclassificados” eram vistos como indesejáveis para esse espaço pomposo da vida cidadina, muitos eram vistos como ameaça por serem tidos como contrários a lógica do trabalho. Assim esses indivíduos passam a se localizar e a se concentrarem nos bairros em torno do centro da cidade, que se constituía no próprio perímetro dessa cidade, como no caso de Fortaleza. De acordo com Hobsbawm (2012):

Paradoxalmente, quanto mais a classe média crescia e florescia, drenando recursos para seu próprio sistema habitacional, escritórios, lojas de departamento, que eram tão característicos do desenvolvimento da época, e para seus prestigiosos edifícios, relativamente menos recursos eram dedicados aos bairros da classe operária, exceto nas formas mais gerais de despesas públicas – ruas, esgotos, iluminação e utilidades públicas. A única forma de empresa privada (incluindo construção) se dirigia basicamente ao mercado de massa, exceção feita ao mercado e pequena loja, eram a taverna – que se transformou no elaborado gin-palace da Inglaterra nas décadas de 1860 e 1870 – e sua cria, o teatro e o music-hall. Pois, na medida em que as pessoas ficavam urbanizadas, as antigas tradições e práticas, que elas haviam trazido do campo ou da cidade pré-industrial, tomavam-se irrelevantes ou impraticáveis (HOBSBAWM, 2012:323/324).

O produto (em um sentido abrangente da palavra) apresentava seu custo, um custo que comprava distinção para o indivíduo inserido na cidade, que tivesse o poder de adquiri-los, de usá-los ou não, conseqüentemente “os objetos eram mais do que meramente utilitários ou símbolos de status e sucesso, eles tinham valor em si mesmos como expressões de personalidade, como sendo o programa e a realidade da vida burguesa, e mesmo como transformadores do homem” (HOBSBAWM, 2012:351).

Nesse cenário mutante da cidade que surgiram os grupos políticos e familiares que raramente estão separados, e onde se buscou um aparato estrutural para manter uma ordem

urbana. A qualquer sinal de ameaça para com a “cidade” possibilitou a coesão no quadro político e militar, trazendo uma vigilância do indivíduo para com o outro, e para o próprio indivíduo.

Michel Foucault (2011) contribuiu para estudo da cidade, pois as suas pesquisas são responsáveis por trazerem para o campo de análise preocupações com uma nova esfera que ajuda na compreensão da cidade que é “a dimensão produtiva do ‘poder’” com origem na separação entre uma razão e uma “desrazão”, colocando a Justiça e outras instituições, como o próprio Estado enquanto instrumentos representativos desse poder.

Portanto, foi pelo exposto até o momento e para além do que está aqui que levou Georg Simmel (2009) a dizer que “a essência mais significativa da grande cidade reside nesta grandeza funcional, para além dos seus limites físicos: e esta eficácia retroage de novo sobre si e confere peso, consideração e responsabilidade à sua vida” (SIMMEL, 2009:15). Ainda, segundo o autor, o desenvolvimento da cultura moderna foi caracterizado:

Pela preponderância daquilo que se pode chamar espírito objectivo sobre o espírito subjectivo, isto é, na linguagem e no direito, na técnica produtiva e na arte, na ciência e nos objectos do âmbito doméstico encarna uma soma de espírito, cujo incremento quotidiano é acompanhado apenas de modo muito incompleto e a uma distancia cada vez maior pelo desenvolvimento espiritual dos sujeitos (SIMMEL, 2009:17).

As grandes cidades são representantes dessa cultura que se desenvolveu para além do privado, exibindo-se nas construções, nas variadas instituições, “nos prodígios e nos confortos da técnica que sobrepuja o espaço, nas formações da vida comunitária” (SIMMEL, 2009:18). Daí, a cidade ser esse lugar significativo propenso a interpretações infinitas, provendo o seu espaço urbano das mais diferentes condições sócio-históricas.

Segundo Brescianni a leitura de Walter Benjamin é outra referência para conhecer o percurso pelas cidades modernas, pois “seu desconforto perante a voracidade da sociedade industrial, na qual o homem deixa de ser a finalidade de si mesmo, tendo seu lugar ocupado pela mercadoria” (BRESCIANNI, 2003:245), permitiu com que surgissem críticas ao progresso, à ‘modernidade’, influenciadas pelos escritos de Marx.

Foi Walter Benjamin, assim como Simmel, que nos possibilitou uma sensibilidade para tentar compreender as “coisas” do mundo urbano, seja a cidade urbana ou mesmo o homem urbano. Levando-nos a:

Possibilidade de se ler a cidade dentro do seu próprio tempo e ritmo: a velocidade acelerada e a simultaneidade. A percepção da vida urbana, não mais tão-somente

como oposição à tranquilidade da vida campestre idealizada, porém com sua lógica própria, voraz, criativa, anônima, niveladora e por isso mesmo tempo frustrante para a intenção humana de se destacar entre seus iguais (Ibidem.).

A cerca de nosso recorte espacial, a cidade de Fortaleza, deparamos com uma época marcada pela entrada de inovações tecnológicas desenvolvidas na Europa, no contexto da revolução industrial provinda do século XIX, e de capital que se podem perceber de maneira visível quando temos a partir da década de 20 na cidade a circulação de engenheiros e empregados (americanos, ingleses etc.) instalando máquinas para as firmas Dwight P. Robinson & Co. e Norton Griffiths & Co. Ltda. Como foi visto em “Geografia Estética de Fortaleza” do historiador Raimundo Girão.

Consequentemente, com a presença de estrangeiros pela cidade, ocorreu uma valorização da concepção de “moderno” e “urbano” que os fortalezenses atribuíram na cultura além mar. Desse contato se estabeleceu a necessidade de se ter espaços urbanos que remetessem a uma sociedade em progresso, uma cidade que estivesse nos moldes da modernidade e da civilização, já que desde a Renascença a cidade foi vista como o espaço que se refere à civilidade, o lugar dos bons costumes, como apontou Brescianni (2003).

Por fim, em Fortaleza a produção do algodão e a força de trabalho que vinha dos retirantes das secas, comprada a preço barato, contribuíram para o processo de “modernização” desta cidade, tendo em vista, que mudanças sócio-culturais e econômicas marcaram o urbano da cidade no século XX, pois nas primeiras décadas “em Fortaleza, foi um momento em que a penetração de capital e de técnica estrangeira se fez sentir com maior intensidade” (BARBOSA, 2005:33).

Indícios da construção de uma “memória urbana” sobre Fortaleza.

Segundo Sebastião Rogério Ponte (1993) sobre a égide do processo de desenvolvimento econômico e urbano da época, as elites fortalezenses objetivaram transformar a imagem da cidade no início do século XX em semelhança as grandes metrópoles européias, com isso infere-se através dos relatos dos presidentes a intensidade que eles atribuem a urbanização em Fortaleza, pois:

Como a Tecla de Calvino, a capital cearense encontrava-se também imersa em um prolongado processo de construção e transformação, ambas desencadeadas pela modernidade, visto que essa nova ordem ou novo regime, que se construía sob signo da ruptura, tem seu processo conformador fomentado pelos diversos avanços tecnológicos da época (OLIVEIRA, 2009:2).

Essa época de transformações foi responsável pela modificação da estrutura da cidade, para atender a exigência da cidade enquanto urbana, e inserir a Fortaleza no modelo proposto de cidade, buscando nos elementos que compõem a sua fisionomia uma forma de legitimar sua imagem, no nosso caso, que a Fortaleza era um indício do urbano e do progresso no Ceará. Percebemos que esse processo urbanizador foi bastante enfatizado nas mensagens, construindo assim, por parte dos presidentes José Moreira da Rocha e José Carlos de Matos Peixoto, uma memória de Fortaleza enquanto uma cidade urbana, ou ao menos podemos dizer inserida no processo de urbanização.

De acordo com Le Goff (1990) a memória coletiva foi elemento importante da disputa dos grupos dominantes, pois:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990:427).

Com essa situação percebemos que os projetos, serviços, construções, ou seja, as reformas urbanas visavam construir uma cidade desejada por quem estava no poder, além de serem usadas para “legitimar” as administrações dos presidentes enquanto positivas, constituindo assim uma memória urbana sobre Fortaleza. Para tanto, os presidentes destacaram nos seus escritos alguns elementos que contribuem na construção dessa memória histórica.

Para uma sociedade ser urbana era indispensável à presença de uma biblioteca, conforme a nossa documentação, a biblioteca era elemento precioso que compele para todas as classes sociais o seu uso, apesar de sabermos que nesse período muitas pessoas não sabiam ler, que esse espaço de certa forma era de uso de uma minoria. Observamos na seguinte passagem à importância simbólica atribuída a biblioteca:

As bibliothecas publicas constituem um dos mais preciosos elementos da civilização. São factores basicos do aperfeiçoamento intellectual dos povos. Logo que em um meio qualquer, por mais modesto que seja, a instrucção faz algum progresso, a Idea da criação de bibliothecas logo surge e se effectiva. Sua necessidade impõe-se a todas as classes. O operário já começou a convencer-se de que na instrucção encontra vigoroso elemento, não só para tornar mais productivos os seus esforços, como tambem para fortificar-se na lucta eterna e natural entre o capital e o trabalho (Mensagem do desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado do Ceará, dirigida a Assembléa Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1925. Ceará – Fortaleza, 1925. p.26).

Fortaleza no período abordado já tinha sua biblioteca pública, em detrimento da lei 1.996, de 27 de setembro de 1922, ela foi anexada à Faculdade de Direito passando a ser nominada de “Bibliotheca da Faculdade de Direito do Ceará”. Mostrou-se com essa mudança um aumento de obras consultadas no valor de 3.818 visitantes em uma biblioteca que dispõe de 2.804 volumes no ano de 1924, mas que em 1925 esse número sobe para 7.902 volumes.

Para estabelecer uma “perfeita ordem”, tanto a disposição das seções como a catalogação seguiu os métodos modernos, “como se observa nos melhores estabelecimentos públicos congêneres, era uma medida essencial, afim de que pudesse, sem desdouro, conservar as tradições de inteligência e de amor aos livros do povo cearense” (Ibidem.).

Na mensagem de 1926 continuou uma valorização desse estabelecimento “que pôde ser considerado o índice da cultura e progresso intelectual de um povo, uma bibliotheca de caracter geral, como é a que mantem o Estado, merece os sacrificios de que for capaz o erario publico” (Mensagem do desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado do Ceará, dirigida a Assembléa Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1926. Ceará – Fortaleza, 1926. p. 74). No documento de 1926, visualizamos uma preocupação maior com a biblioteca diferente do de 1925.

Ainda no relatório de 1926 no qual consta que, pela lei nº 2.246, de 3 de agosto de 1925, desanexa a Biblioteca Pública da Faculdade de Direito do Ceará. Essa ação, segundo o documento, acarreta em beneficiamentos para o serviço interno e para a comodidade das pessoas que se direcionam até esse estabelecimento. Que por sua vez necessita de uma “larga reforma” dependendo do local em que a mesma se acha, pois:

Funcionando na parte terrea do prédio da Assembléa Legislativa, em frente ao Mercado Publico, grandes não podem deixar de ser os prejuizos que advêm ao bom funcionamento da Bibliotheca, entre estes sobresahindo a falta absoluta do silencio necessario ás salas de leitura e de estudos. (Ibidem.).

Também foi solicitada a renovação do material, como a aquisição de novos livros, assim o Estado resolveu consignar no orçamento a verba para tal fim para evitar “prejuízo” à cultura do povo cearense, pois “a falta de renovamento produz a estagnação, que afugenta os consulentes e impede a instituição de realizar seus fins” (idem.) para a civilidade no meio urbano.

Como sabemos o que possibilitou e estabeleceu o processo de urbanização das grandes cidades foi o surgimento do sistema capitalista, demarcando a propagação de produtos pelos países, e entre esses produtos encontra-se a racionalidade, onde essa razão em

entendimento com a ciência e a técnica foi responsável por criar produtos que eram a fonte da modernidade por atribuí-la sentido.

Segundo Oliveira (2009) “a razão ordenadora que se impunha em Fortaleza, buscando estabelecer uma nova ordem urbana, estava totalmente calcada na modernidade” (OLIVEIRA, 2009:10), ou seja, na ideia de progresso e urbanização.

Daí, temos no documento de 1926, afirmando que desde 21/04/1926 o Brasil tinha em mãos o serviço de “radio-telegraphia ultra-potente” instalado na Capital da República nessa mesma data, essa nova tecnologia que chegara ao país é vista como “uma realização grandiosa, cuja importancia só poderá ser avaliada pelos laços de confraternização com que vae approximar os povos da Europa e do Novo Mudo” (Mensagem do desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado do Ceará, dirigida a Assembléa Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1926. Ceará – Fortaleza, 1926. p. 75).

Qual a relação dessa tecnologia da Capital da República com a Fortaleza? Bem, como já colocado antes, as cidades nessa época buscaram elementos que contribuíssem para a imagem de “cidade urbanizada” com base na busca pelo progresso como representação de um símbolo da modernidade. Assim sendo, o Governo do Ceará juntamente com a “Directoria dos Telegraphos” ofereceram ao Governo da União “um terreno para que nelle seja construida a estação radio-telegraphia de Fortaleza” (Ibidem. p. 76).

Mais uma vez a capital do Ceará persegue a exigência para ser urbana. Desejo exposto de maneira como se fosse um anseio coletivo dos indivíduos em função de tal novidade, como se observa no relato do presidente do Ceará, “esta justa aspiração nossa, em breve, tornar-se-á uma realidade, e seus beneficios incalculaveis não necessitam de ser mencionados” (idem.).

A cidade enquanto cenário de vivências cotidianas constituía-se em algo mutante dentro de um processo de valorização de uma cultura urbana, diga-se ocidental, pautada na transformação física do espaço através de uma exaltação do progresso, e a inserção desse progresso foi imposta por um grupo mais favorecido da sociedade.

Ainda sobre o serviço de “radio-telegraphia” foi visto o engrandecimento desse indício da marca da civilização e do progresso no qual:

Cada torre que se levanta aqui e além-mar, é um braço erguido, alto e forte, num gesto de afirmação do progresso que caracteriza a superioridade do nosso povo e daquelles a quem nos prendem os mesmos sentimentos de paz e de amizade. Cada antenna radio-telegraphica tem a perfeita significação do symbolo: - é o fio invisivel do mesmo pensamento, do mesmo sonho de grandeza, que as nações alimentam e só podem ser concretizados pela harmonia e pelo congraçamento dos homens. (Idem.).

A mensagem de 1930 apresentou outro elemento que se difundiu e “conquistou o mundo inteiro”: a aviação, que “encurtando distancias, economizando tempo, o avião vae congraçando os povos, apagando as fronteiras. Nenhum outro instrumento de progresso teve mais rapido desenvolvimento” (Mensagem do desembargador José Carlos de Matos Peixoto, presidente do Estado do Ceará, dirigida a Assembléa Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1930. Ceará – Fortaleza, 1930. p. 39) pelos países.

Tinha-se no Brasil há tempos linha regulares aéreas do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, mas no Norte do país esse meio de comunicação era escasso. Por esse motivo o Governo do Ceará em nome do presidente José Carlos de Matos Peixoto:

Procurando dotar o Estado de tão poderoso elemento de progresso, entrei em entendimento com a Companhia Aeronautica Brasileira para que estendesse até nós as viagens de seus aparelhos. Desse entendimento resultou a doação por parte do Estado, e por 50 annos, de um campo de aviação e, por parte da Companhia, a obrigação de estabelecer linha regular de aviões para o Norte e Sul do Paiz, com uma frequencia minima de um correio por semana. (Ibidem.).

Assim, o Estado adquiriu para o campo de aviação um terreno de 80 hectares, com excelente localização em uma esplanada elevada no “Alto da Balança” a quase 4km. do centro da cidade. Essa aquisição custou o valor de 20:000\$000, sendo que até 31/05/1930 foram gastos 9:738\$950 em serviços de destocamento, nivelamento, cercas, demarcação, etc.

O “progresso” foi visto com um destaque tão grande no que ele consegue fazer de melhoramentos em uma cidade, que foi em nome desse progresso que o Governo usou o seu poder em algo que possa ser um obstáculo a urbanização, visto desapropriação de um terreno particular.

O campo, depois de preparado, será, no dizer dos entendidos, um dos melhores do Paiz e melhor seria se não fôra o encravamento, a leste, de um terreno particular cuja proprietaria se tem recusado a qualquer accordo razoavel e que por isso é preciso desapropriar. (Ibidem. p. 40).

Era interesse de o Governo inserir esse meio de transporte e comunicação entre o estado e o país, mas também de realizar esse contato com o estrangeiro, com esse desejo o presidente do Ceará procurou facilitar a instalação da companhia americana “Nyrba Line”, esta se localizará na barra do Rio Ceará, onde o acesso foi feito por estrada de rodagem em construção.

A cidade era modificada em função da modernização e de seus produtos com o propósito de ser racional. Assim infere-se a remodelação do seu espaço urbano, esse espaço de vivência exigiu o embelezamento, como exemplo, a arborização da cidade, que foi iniciada em abril de 1927, estando concluída a das ruas Marechal Floriano Peixoto, Major Facundo e Senador Pompeu.

No que tange a “figuração” desse cenário no período de 1925 a 1930, foi que ele reflete os avanços técnicos da época no que toca as construções urbanísticas em uma Fortaleza que estava se inserindo em uma cultura do capital e que, segundo a documentação estudada, “progride a passos largos”, como era de interesse dos presidentes enfatizarem isso, pois:

Carinho especial me deveria merecer, como o mereceu, a mais importante e de mais futuro das cidades cearenses, á qual vêm todos os que visitam o Estado e por Ella aferem o grão de prosperidade e de civilização do mesmo. Impellido por estes motivos não regateii meu concurso, sempre que solicitado, para tudo o que se referia ao desenvolvimento da Capital, que progride a passos largos, sob uma orientação inteligente e criteriosa, e sob a actividade e bom gosto do seu digno Prefeito. (Mensagem do desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado do Ceará, dirigida a Assembléa Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1927. Ceará – Fortaleza, 1927. p. 39).

Considerações finais

Por fim, o que demonstramos aqui até esse momento foi uma visão que vem de “cima” para baixo, pois o Estado moderno esteve preocupado em modificar os códigos culturais, e isso foi visível, porém não devemos tomar as proposições apresentadas como o discurso de que realmente retrata em fidelidade a cidade de Fortaleza dessa época, pois essa cidade que foi pensada como um projeto, também foi pensada para certo grupo que iria consumir esses “benefícios” do progresso e do urbano, já que nem todos os sujeitos tiveram acesso a esse palco urbano, pois a cidade vai para além do concreto.

De acordo com Le Goff o desenvolvimento das sociedades no século XX:

Clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1990:476).

Portanto, o que podemos responder é que esse cenário urbano aqui apresentado apesar de estar em processo de construção, ele revelou sim a construção de um ordenamento urbano, talvez não seja tão intensivo, porém é expressivo para uma cidade que deseja se fixar enquanto civilização dentro de uma dinâmica proposta pelo capitalismo, que marca tal época no Ceará.

Bibliografia

- ABREU, Maurício de Almeida. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Orgs). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: Edições UFC, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRESCHIANI, M. S. M.(Org). *Imagens da Cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH, 1994.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. *Historiografia brasileira em perspectiva / Marcos Cezar de Freitas (org.) – 5. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003.*
- BRÜSEKE, Franz Josef. *A modernidade técnica*. RBCS Vol. 17 nº 49 junho/2002.
- CASÉ, Paulo. *A cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*; Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1880 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.
- DOBB, Maurice Herbert. *A evolução do capitalismo*. Tradução de Manuel do Rêgo Braga. 2. Ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1v.
- FERNANDES, F. Ricardo Cavalcanti. *Transformações espaciais no centro de Fortaleza: estudo crítico das perspectivas de renovação urbana*. 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 39. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

- HOBSBAWM, Eric John. *Era dos impérios, 1875-1914*; Tradução: Sieni Maria Campo e Yolanda Toledo. Ed.13°. São Paulo: Paz e terra, 2014.
- HOBSBAWM, Eric John. *A Era do Capital, 1848-1875*; Tradução: Luciano Costa Neto. Ed.15°. São Paulo: Paz e terra, 2012.
- KROPF, Simone Petraglia. *Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX*. 1996.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas – SP, Ed. da UNICAMP, 1990.
- OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano. *Uma cidade em construção: modernidade, cotidiano e imaginário na Fortaleza de finais do século XIX e princípios do século XX*. Rev. Espacialidades [online]. 2009, vol. 2, no. 1.
- PECHMAN, R. M. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização*. 2003.
- SILVA, F. A. L. *Fortaleza em metamorfose: a construção de um ordenamento urbano e de uma estrutura vigilante (1925 – 1930)*. 2013. Monografia – Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Orgs). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: Edições UFC, 1997.